

Políticas de diversidade da Folha e Globo: esforços para alinhar discurso e prática¹

Edilaine Heleodoro Felix ²
Universidade de São Paulo – USP

Resumo

O presente texto apresenta as agendas de ESG (Environmental, Social and Governance ou Ambiental, Social e Governança) do grupo Globo e do jornal Folha de S.Paulo para refletir sobre o uso dessas práticas para a implementação de diretorias e editorias de diversidade. O objetivo é conhecer as políticas de diversidade dos veículos e refletir sobre a contratação, programas e atuação de jornalistas negras e negros e se essas práticas são efetivas nas narrativas jornalísticas.

Palavra-chave: diversidade; ESG; jornalismo; Folha de S.Paulo; Globo.

Nas últimas décadas, o Brasil vivenciou transformações sociais e educacionais. Dentre elas, destacam-se as ações afirmativas, que possibilitam o acesso de jovens negros e periféricos às universidades. Esse processo gerou impactos na estrutura social e cultural das periferias brasileiras e fomentou o surgimento de projetos, atentos, sobretudo, à diversidade racial, social e de gênero da sociedade (Nonato, 2020).

No campo jornalístico, observa-se o início da reestruturação das redações a partir de pautas e profissionais que refletem melhor a composição da sociedade brasileira, e, da implementação de agendas ESG (Environmental, Social and Governance) nas empresas, que têm promovido iniciativas de inclusão e diversidade. Entretanto, tais práticas são percebidas nas narrativas jornalísticas?

As políticas de diversidade nas empresas têm origem em meados do século XX, nos Estados Unidos, e foram trazidas ao Brasil por meio das multinacionais. No entanto, foi a partir da Constituição de 1988 e do fortalecimento dos movimentos sociais que as ações afirmativas passaram a ter maior força no país, ao promover intervenções políticas para enfrentar desigualdades históricas (Peruzzo, 2019).

A presença de pessoas com perfis “diferentes” criaria um clima de motivação entre os funcionários, e a diversificação da equipe contribuiria para melhorar o desempenho,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP), jornalista pela Universidade de Mogi das Cruzes, professora da Universidade Cruzeiro do Sul e do Centro Universitário Belas Artes. e-mail: efelix@usp.br.

além de abrir novos segmentos de mercado (Peruzzo, 2019, p. 36). Essa lógica passou a ser incorporada por empresas de comunicação no Brasil, a partir da década de 2010.

Para inferir sobre como essas práticas se materializam no jornalismo, optou-se por mostrar as iniciativas voltadas à diversidade do Grupo Globo e da Folha de S.Paulo. O Grupo Globo possui um Relatório ESG com capítulo específico para o jornalismo, enquanto a Folha criou uma editoria de diversidade.

A Folha de S.Paulo tem desenvolvido programas com foco na diversidade racial e de gênero. Em 2019, criou a editoria de Diversidade, “com objetivo de refletir sobre a variedade da vida social no país e o dia a dia na Redação”; em 2021 lançou programa de treinamento em jornalismo diário destinado a profissionais negros, e, em 2022, em reação à publicação de um texto de Antônio Risério, foi criado um Comitê de Inclusão e Equidade, formado por 17 jornalistas e apoiado por mais de 200 profissionais da casa.

O grupo Globo, por sua vez, destacou em seu Relatório ESG de 2021, que “no Jornalismo, dedicamos espaço cada vez maior à diversidade, inclusão e combate a todas as formas de discriminação, ao ampliar o elenco de jornalistas para termos mais representatividade”. Em 2022, o grupo anunciou a criação de uma diretoria de Diversidade e Inovação de Conteúdo.

Tais iniciativas demonstram o esforço institucional para alinhar discurso e prática, mas ainda enfrentam obstáculos na transformação efetiva das estruturas jornalísticas. Apesar dos esforços e das pequenas mudanças realizadas na imprensa hegemônica, por meio de dispositivos que procuram promover uma comunicação e um jornalismo antirracista, o processo jornalístico de pautas e fontes variadas e compatíveis com os assuntos permanece insatisfatório (Moraes, 2022, p. 15).

O livro “O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades” (2023), revela que o percentual de jornalistas negros e negras (pretos/as e pardos/as) cresceu e superou os 30%, provavelmente como resultado de políticas de ação afirmativa no ensino superior. Para Ferreira (2020), tal fato trouxe ainda “um movimento de busca pela representatividade imagética”, que se legitimaria, por exemplo, no lugar ocupado pelo(a) negro(a) na estrutura de mídia, ou seja, à frente das câmeras.

Jornalistas negras e negros ainda são minoria nas redações. Mas iniciativas de diversidade representam um passo importante para promover um jornalismo mais diverso. A adoção de práticas inclusivas, seja por meio de ações afirmativas, comitês ou

políticas institucionais de diversidade, podem transformar as redações em espaços mais representativos da realidade brasileira.

Referências

BARROS, Janaina Visibeli; NICOLETTI, Janara; LIMA, Samuel Pantoja (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades** / Organizadores: Janaina Visibeli Barros, Janara Nicoletti e Samuel Pantoja Lima; Prefácio de Fábio Henrique Pereira. – 1. ed. – Florianópolis, SC : Editora Insular, 2023. 193 p. E-book: 2,54 Mb; PDF.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Representações, representatividades e dismorfias: midiatização das identidades. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 341-352, jul.- dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2021.175019>.

GEMAA (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa da Universidade Federal do Rio de Janeiro). 2023. Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/cgi-sys/suspendedpage.cgi>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1ª ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

NONATO, Claudia. Diversidade nas pautas jornalísticas: O caso das periferias paulistanas. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 183-198, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.153455>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153455/162162>. Acesso em: 14 jun. 2025.

PERUZZO, Cicilia. Igualdade e direitos humanos nas organizações empresariais e cidadania. In: LEMOS, E.; SALVATORI, P. (Orgs.). **Comunicação, diversidades e organizações: pensamento e ação**. São Paulo: Abrapcorp, 2019.

Relatório ESG, 2024. **Fazer diferença todo dia**. Disponível em https://s3.glbimg.com/v1/AUTH_181ecc4c353545aaa3c24808d6e5977d/somos-globo/GLO_relan24-PT.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.